

# DOS CATÁLOGOS À CIRCULAÇÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A CULPA DOS PAIS* DE ENRIQUE PÉREZ ESCRICH

Carolina de Novaes Rêgo BARROS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo possui como objetivo destacar o escritor espanhol Enrique Pérez Escrich (1829-1897), sendo observado que seus romances, e conseqüentemente sua história, foram ignorados durante os últimos anos. Assim, o resgate literário deu-se por meio de catálogos de livreiros estabelecidos em solo lusitano, especificamente dos anos 1884, 1887 e 1900. Após a catalogação das obras, analisou-se um dos romances presentes nas tabelas buscando os aspectos da narrativa oitocentista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enrique-Pérez; catálogos; livreiros; século XIX; romance.

Este trabalho surgiu a partir da pesquisa realizada em catálogos de livreiros estabelecidos em Portugal durante o último quartel do Oitocentos. Nesses catálogos, comuns nas livrarias do século XIX, nos quais um dos objetivos era informar as obras publicadas e, no prelo, foi encontrado o romancista espanhol Enrique Pérez Escrich (1829-1897). Por conseguinte, constatou-se que suas obras ultrapassaram barreiras e tornaram-se grande sucesso de vendas e de público, no Brasil e em Portugal.

Enrique Pérez Escrich nasceu na cidade de Valência, em 1829 e, vindo a falecer na capital Madrid, no ano de 1897, escreveu diversos romances de grande alcance popular. Criado com os pais em meio altamente religioso, católico, especificamente, o próprio afirma no prólogo de uma de suas obras<sup>2</sup> o quanto esse meio influenciou seus romances. Desse modo, o pesquisador brasileiro José Humberto Filho (2014) nos traz essa e outras informações bibliográficas do romancista.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras - Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, Pará, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz.

<sup>2</sup> De acordo com a dissertação de José H. Filho (2014), a obra seria *O Cura de Aldeia* (1859). No romance temos uma breve explicação do escritor quanto aos preceitos religiosos presentes em suas narrativas.

Em Portugal, seu nome aparece no catálogo do Gabinete Portuense O Jardim do Povo, de 1888, entre os 800 autores estrangeiros presentes nesse acervo; e no catálogo do gabinete de leitura da Sociedade Nova Euterpe, de 1877. Suas obras encontravam-se também significativamente presentes no mercado literário da Corte brasileira, recebendo frequentes anúncios em importantes jornais locais (FILHO, 2014, p. 116).

As constatações e informações sobre Escrich foram encontradas nos catálogos de livreiros estabelecidos em solo lusitano. Os catálogos analisados foram: Casa Editora David Corazzi (1884 e 1887) e Livraria Chardron Lello & Irmão (1900). Tais fontes nos mostram que as obras estavam em circulação no período da segunda metade do século XIX em Portugal. Além do mais, são verificados os inúmeros autores de diversos países que estavam em voga entre os leitores portugueses. E foram neles que detectamos a presença ininterrupta de Escrich com diversos títulos, além da permanência de outros autores no decorrer dos anos.

Assim percebeu-se que: no primeiro catálogo da Livraria Chardron temos 40 obras e, na Casa Corazzi, 6 produções no catálogo de 1884 e 2 títulos na edição de 1887. É importante frisar que são títulos diferentes nos catálogos da Casa Editora David Corazzi. Esse aparecimento constante nos permite afirmar o quanto o escritor trabalhou, foi traduzido, e, sobretudo, permaneceu no mercado literário durante a segunda metade do século XIX em Portugal. Na tabela abaixo podemos ver quais eram esses trabalhos do escritor e o período de publicação de alguns romances:

**Tabela 1.**

Livraria Chardron Lello & Irmão (1900)	
Enrique Pérez Escrich	
Obras	Ano publicação
O amigo Íntimo	[18--]
O Amor dos Amores	1879

DOS CATÁLOGOS À CIRCULAÇÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A CULPA DOS PAIS*  
DE ENRIQUE PÉREZ ESCRICH

O Anjo da Guarda	1876
Os Anjos da Terra	1898
Os Apóstolos (cont. Martyr do Golgotha)	1879
Os caçadores	1876
A Calúnia	1875
Caminho do Bem	1887
A Caridade Cristhã	1887
A Casaca Azul	1864
Comicos Ambulantes	1879
Contos Amenos	[18--]
As Culpas dos Paes	[18--]
O Cura d'Aldeia	1859
A Felicidade	1887
Um filho do povo	1876
A Formosura da alma	[18--]
História de um beijo	[18--]
O inferno dos ciúmes	1880 2 <sup>a</sup> ed.
O livro de Job	1882
Um livro para meus netos	1887
Magdalena, a vizinha do poeta	1895
A Mancha	[18--]
As mariposas da alma	1894
O Martyr de Golgotha	1879
O Martyrio da Glória	[18--]
O Millionario	[18--]
Noites amenas - contos: O violino do diabo; Tal árvore tal fruto; Um filho do povo; Quem tudo quer, tudo perde- A verdade nua e crua; Por bem fazer, mal haver - Um hospital de doidos e A Culpa dos paes	1876
O pão dos pobres	1877
A pecadora	[18--]
A perdição da mulher	1866

O piano de Clara	1895
A promessa sagrada	1895
A prosa da glória	[18--]
As redes do amor	1895
Rico e pobre	1877
A segunda vida	[18--]
O último beijo	[18--]
Mulher Adultera	1873
Os Predestinados	[18--]

**Tabela 2.**

Casa Editora David Corazzi (1884, 1887)		
Enrique Pérez Escrich		
Obras	Ano publicação	Ano catálogo
Por bem fazer mal haver	1877	1884
A Culpa dos paes	[18--]	1884
Um filho do povo	1876	1884
Tal arvore tal fructo	[18--]	1884
Anjos da Terra	[18--]	1884
Um drama no mar	[18--]	1884
O amigo íntimo	[18--]	1887
Rico e Pobre	1877	1887

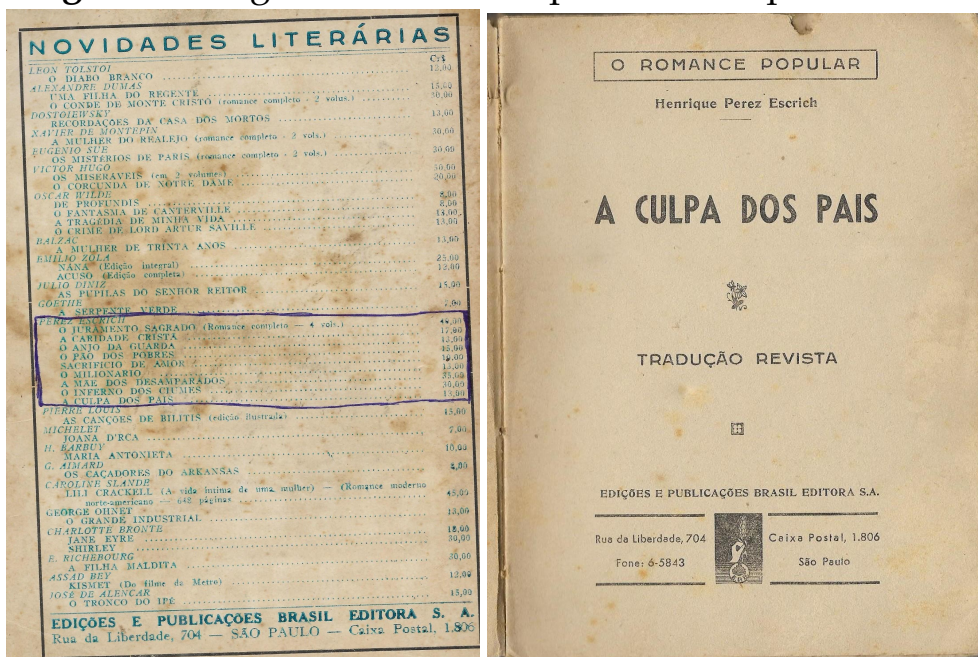
Como podemos perceber, Escrich escreveu de forma intensa ao longo de sua carreira. As obras presentes nas tabelas acima não foram seus únicos romances; pelo contrário, o escritor desenvolveu muitos outros títulos que não estão presentes nos catálogos pesquisados. Mas, se formos analisar outras fontes de obras literárias, como periódicos e jornais, serão encontrados diversos trabalhos do escritor.

Assim, mesmo com a organização da tabela, e o número considerativo de romances, percebemos que Escrich não entrou para o *hall* de escritores famosos aquém de seu tempo, pelo contrário, foi esquecido. Além do mais, em algumas obras brasileiras, como *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e o conto *O Comprador de Fazendas* (1917), de Monteiro Lobato, é desqualificado como autor de renome.

## 1. Algumas informações sobre a obra *A Culpa dos Pais*

*A Culpa dos Pais*, de Enrique Pérez Escrich, foi publicado no Brasil pela editora Edições e Publicações Brasil Editora S.A. Nas páginas de apresentação da obra temos o nome da coleção de que o livro fez parte, sendo denominado de "O Romance Popular". Essa versão foi encontrada no site "Estante Virtual"<sup>3</sup> e vendida por um sebo da cidade de São Paulo. Também pode-se afirmar que essa edição já se encontra na entrada do século XX, já que na contracapa há obras listadas para venda pela editora com preços em Cr\$ (Cruzeiro) e esta moeda vigorou no país entre os períodos de 1942 a 1967/ 1970 a 1986/ 1900 a 1993. Dessa forma, mostrando como os romances de Escrich permaneceram no mercado editorial durante o final do século XIX e início do século XX.

Figura 1. Imagem referente a capa e contracapa do livro.<sup>4</sup>



Durante as pesquisas acerca do romance, não foi possível detectar o período exato da primeira edição da obra *A Culpa dos Pais*

<sup>3</sup> O site Estante Virtual é formado por diversos sebos e livrarias de todo o Brasil, tendo em vista a facilidade de acesso para distribuição de compra e venda dentro do país..

<sup>4</sup> ESCRICH, Enrique Pérez. *A Culpa dos Pais*. São Paulo: Edições E Publicações Brasil Editora S.A., [18--].

[18--. No entanto, o primeiro catálogo da casa Editora David Corazzi, de 1884, dispõe na lista organizada o romance em questão. Assim, pode-se determinar um parâmetro da primeira edição da obra, ou seja, aproximadamente em 1884, o romance já teria sido lançado e chegava aos leitores portugueses na segunda metade do século XIX.

## **2. Uma tragédia espanhola**

Em uma análise inicial, observa-se que a obra de cunho popular possui um enredo simples. Com 18 capítulos e cerca de 160 páginas, o romance narra a história de Júlio, órfão de pai e mãe, criado por uma família da alta sociedade espanhola. A família é composta por dois membros, pai e filho, e na casa encontramos uma governanta importante para a história: Madalena. Os dois membros são o conde D. Paulo e o filho Rafael. O irmão de criação sempre julgou Júlio por ser "bastardo" e receber mais atenção do pai que o próprio filho. A narrativa segue com Júlio querendo ir atrás de suas origens instigado pelo irmão de criação e contrariando as ordens e os apelos do pai, de Madalena e de Luiza. Esta última personagem citada é, também, a causa da rivalidade entre os dois irmãos, já que ambos nutrem sentimentos pela dama. Júlio ama Luiza. Rafael, porém, a quer como esposa por puro divertimento e rivalidade. Luiza se mostra uma mulher sem amor pelos dois homens, mas nutre sentimentos diferentes pelos rapazes: o apego por Júlio é maior, este sempre faz companhia para a moça em vez de jogar xadrez com o pai da dama, que é exatamente a atividade de Rafael.

A descoberta dos verdadeiros pais de Júlio ocorre nos capítulos 3 e 4. O conde D. Paulo e Madalena foram namorados no passado e tiveram um menino. A juventude de Paulo foi esculpida pela falta de caráter e à base de mentiras, com o intuito de conquistar a pobre moça Madalena. Assim, acaba por ter o respeito e a confiança do avô da moça que o deixa entrar na família como um anjo enviado de Deus para ajudá-los. O tempo passa e o conde os deixa e se casa com uma mulher da alta burguesia espanhola, que, depois de um ano, morre ao dar à luz Rafael. Ao descobrir do

falecimento da esposa, Madalena conversa com o conde para aceitá-la de volta, não como esposa, mas como governanta da casa.

Dessa forma, passados 20 anos, os rapazes já formados encontram-se em pé de guerra. Júlio, impulsionado pela pressão de Rafael, decide ir atrás de suas origens e é a partir dessa decisão que os acontecimentos vão se desenvolver. Luiza insiste para o rapaz desistir da busca. O conde e Madalena entram em discussão para revelar a verdade. Rafael, no decorrer dos capítulos, demonstra ódio e inveja por Júlio. Diogo de Alcântara, o pai de Luiza, entra na trama como cúmplice de Rafael, já que é favorável à união do casal.

Na reta final da narrativa, pai e filha decidem sair da cidade e passar um tempo no campo. Júlio decide ir atrás, conta para Luiza de seu amor e a decisão de não ir embora. Rafael, escondido na cena, escuta tudo, surpreende o rapaz e acabam discutindo, marcando um duelo de morte. No dia da sentença temos em cena os irmãos, Rafael e Júlio, na sequência ocorrem as regras do duelo sendo postas e um dos personagens é acertado com um tiro. O irmão que morre no duelo é, portanto, Rafael.

Os capítulos seguintes são do arrependimento de Júlio, o desespero de Madalena e a verdade descoberta. O romance popular termina com o enlouquecimento do conde D. Paulo, a prisão e o suicídio de Júlio na cadeia e a morte de Madalena por ataque cerebral ao descobrir do suicídio do filho. Por último, Escrich finaliza a obra com o final feliz de Diogo de Alcântara e Luiza, que decidem viajar para curar as mágoas da filha, muito sentida pela morte de Júlio. Isto posto, a donzela casa-se com um nobre da sociedade espanhola, depois de um ano da tragédia familiar do conde D. Paulo.

O que temos acima descrito é um enredo simples, porém no período de sua publicação foi de grande sucesso. Na verdade, as obras de Enrique Pérez Escrich foram muito populares tanto no Brasil quanto em Portugal, seja no formato brochura ou em folhetins, que foi sua maior alavanca de sucesso comercial.

(...) E, pelo catálogo da contracapa do volume da Chardron - Lello, vê-se que Portugal também publicou a obra completa

do romancista. Livros que haveriam certamente de inspirar os autores que a popular Livraria Quaresma espalhava por todo o Brasil (MEYER, 1996, p. 324).

Somado a isso, o enredo possui poucos personagens centrais envolvidos. São duas famílias patriarcais que possuem o intuito de juntar os filhos e, conseqüentemente, suas riquezas e nomes na sociedade espanhola. Júlio, o filho "adotado", não é o pretendente, mas acaba por se envolver emocionalmente com Luiza. A história acaba trágica para a família do noivo, posto que todos os envolvidos morrem, em contraposição a isso, Luiza termina possivelmente feliz.

### 3. Uma perspectiva da construção dos personagens

Dessa forma, na obra *A Culpa dos Pais* [18--] podemos destacar os componentes familiares das duas famílias, sendo na primeira: conde D. Paulo, Madalena, Rafael e Júlio; na segunda composição são: Luiza e Diogo de Alcântara. Os demais personagens secundários aparecem apenas no final da narrativa durante o duelo de morte e na prisão de Júlio. É necessário pontuar que foi utilizada, para análise da narrativa, a teoria de Antonio Candido (2018) presente na obra **A Personagem de Ficção**, sendo apresentado como são formados os personagens de romance. O crítico afirma que:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que anima (CANDIDO, 2018, p. 53).

A partir da ideia da análise apresentada por Candido (2018) podemos determinar a ligação entre enredo e personagens na obra de Escrich. Além disso, o escritor espanhol também traça a ligação entre o passado e o presente, ou seja, o erro cometido no passado de dois personagens, conde e Madalena, ligou os fios para um futuro marcado por uma possível tragédia familiar. E essa marca de tragédia pode ser vista no primeiro capítulo, no qual temos uma pista do que viria a acontecer entre os dois irmãos:



Eu amo Luiza, tu ama-a também ou pelo menos deseja-a; todas as vantagens estão por teu lado, que és visconde e rico, enquanto que eu sou um pobre enjeitado: mas o desespero leva o homem ao crime, - não o esqueças. Luiza será minha ou de ninguém (ESCRICH, [18--], p. 11).<sup>5</sup>

Em alguns momentos da narrativa, temos a ideia de que a verdade teria evitado o duelo de morte, como nos trechos seguintes:

Entretanto o conde via crescer, não sem receio, seus dois filhos, notando a antipatia e a emulação que Rafael sentia por Júlio (ESCRICH, [18--], p. 35).

Ainda assim, teve bastante valor para não lhe revelar o segredo do seu nascimento. Durante aquela cena, esteve muitas vezes a ponto de lhe revelar tudo, mas receava as repreensões do velho conde e o resultado de um escândalo daquela ordem. E todavia, uma revelação a tempo, teria talvez evitado a terrível desgraça que ameaçava Júlio, e que ia envolver todos (ESCRICH, [18--], p. 80).

Desta maneira, podemos determinar que, na própria fala dos personagens e do narrador, as pistas sobre o erro do passado e o futuro de uma possível tragédia são deixadas para os leitores. Querendo ou não, Escrich, como devoto que era desde a criação religiosa, deixou nas páginas de sua obra a afirmação de sempre jogarmos com a verdade, e que a mentira, na história realizada pelos pais, ditou os acontecimentos atrozés.

Seguindo os acontecimentos, voltemo-nos para os personagens: o primeiro conde D. Paulo, autor da mentira, pode ser caracterizado como um dos "antagonistas" do romance. Com caráter inescrupuloso e cheio de mentiras desde a mocidade - visto que, como já abordado, engana Madalena para tê-la em seus braços. Tanto no passado quanto no presente, acaba por afundar-se em tantas mentiras sobre a origem do filho verdadeiro criado como órfão. Além do medo do escândalo que a verdade poderia ocasionar na sociedade espanhola, em virtude de tratarem-no como um homem benevolente.

---

<sup>5</sup>As citações aqui presentes estão de acordo com o período da publicação da obra, tendo sido corrigido o necessário para compreensão do leitor.

Na perspectiva de Candido (2018), o personagem do conde é o que podemos denominar de personagem de costumes, não o caracterizando como personagem cômico ou pitoresco, mas os traços sentimentais e trágicos estão ligados ao conde. Outro modo de distingui-lo é chamá-lo de personagem plano, por não possuir nenhuma mudança ao longo do enredo. Neste momento, no trecho abaixo, temos as características do personagem, vejamos:

Paulo de Segura, conde de S. Mauro, era um desses aristocratas que não transigem com os progressos da época; no seu caráter e no seu temperamento havia mais de senhor feudal que de fidalgo do século dezenove. (...) D. Paulo tinha um caráter violento, despótico, mas como todas as organizações energéticas, tinha o seu fraco: Rafael, que dominava seu pai, que era o tirano da casa. Os seus caprichos chegaram a ser leis para o conde de S. Mauro (ESCRICH, [18--], p. 12-13).

Durante a narrativa temos a descoberta de que o conde engravidou Madalena, tirou o filho dos braços da mãe e a aceitou como governanta da casa; porém, Júlio nunca poderia saber a verdade sobre seus verdadeiros pais. E assim foi feito. O "pai" arquitetou o plano e, quando a governanta lhe tenta mostrar outro caminho, ele responde mostrando-se irredutível com a mentira:

Em tais condições entrou a senhora em minha casa para ser governanta, e ficou Júlio sob minha proteção. A senhora só desejava viver perto de seu filho, vê-lo todos os dias, amá-lo em segredo; eu acedi a tudo. O que a senhora deseja é completamente impossível. Rafael é meu herdeiro. Júlio nunca será mais que meu protegido. Se a senhora cometer alguma imprudência, se proferir alguma palavra que possa comprometer-me, então, tudo terá acabado entre nós. Pode retirar-se, preciso, estar só (ESCRICH, [18--], p. 27).

O capítulo 4 intitulado "Uma história Vulgar" narrará justamente a mocidade do conde e da governanta. Um aspecto importante é o que podemos denominar de digressão, logo, de máxima importância para a narrativa, já que contará como os personagens se conheceram. "- Não tenho que fazer - disse consigo; MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 19, n. 1, p. 210-237

- aborreço-me solenemente; vou, pois, matar o tempo, dedicando-me a conquistar esta jovem desconhecida” (ESCRICH, [18--], p. 29).

Neste outro momento do personagem, já com a esposa falecida e dois filhos, reafirma o segredo do crime: “Mas sossega; não esquecerei teu filho, nem te esquecerei a ti; é porém indispensável que para Júlio seja sempre um segredo a origem do seu nascimento.” (ESCRICH, [18--], p. 34).

Ao abordarmos o que seria a personagem plana, podemos destacar o seguinte trecho, no qual ocorre uma retomada ao passado do personagem no momento de uma discussão. Essa ligação entre o retorno do caráter ativo do conde e a ideia da personagem plana estabelece o que seria esse tipo de personagem. Ou seja, não ocorrem mudanças significativas, o que temos é uma linearidade nos aspectos da caracterização da personagem plana.

- Silêncio, Júlio, silêncio, ou não respondo por mim! - exclamou o conde com voz ameaçadora, como se, ante o perigo, tivesse recobrado a antiga energia, todo o caráter ativo e imperioso de sua mocidade - Que vens fazer aqui? - acrescentou, olhando para Júlio. - Por que entras sem me avisares? (ESCRICH, [18--], p. 75).

Outro fator que nos leva ao não movimento de mudança é quando o conde não conta a verdade ao filho Júlio e acaba por perder completamente os sentidos. De modo que o personagem permanece com o segredo até o final de sua lucidez, no final da narrativa, no entanto, acaba enlouquecendo com a morte de Rafael e a verdade sobre a paternidade não sai de seus lábios. Vejamos o seguinte trecho:

Apesar da excitação nervosa de que estava possuído, Júlio compreendeu que o conde suportava um acidente terrível. Talvez que a luz da razão se lhe escapasse naquele momento do cérebro, talvez que o desfecho de tão horrível luta produzisse a insensibilidade, a demência (ESCRICH, [18--], p. 136).

No final da cena do capítulo 16, entra o médico da família, que é chamado para cuidar do corpo de Rafael e atender aos demais personagens. O Dr. estabelecerá a ideia da predisposição que se acreditava e ainda se acredita que ocorre em torno da loucura humana:

Há muito tempo que sou médico assistente de D. Paulo. E' um homem reconcentrado, de caráter triste e dominante; a menor contradição o exaspera, numa palavra; notei sempre na sua natureza muita predisposição para a alienação mental; mas ainda que assim não fosse, a desordem que hoje notam nas suas ideias provêm de uma causa poderosa, pois vv. ss. sabem-no tão bem como eu que o Rafael morreu às mãos do irmão. A dor e os remorsos apoderaram-se do coração do conde, produzindo terríveis efeitos. E' uma grande desgraça, uma enorme desgraça a que sucedeu a D. Paulo. Não me admira que endoideça (ESCRICH, [18--], p. 141).

Por fim, podemos perceber a não mudança do conde e até certo vislumbre do futuro determinado pelo médico da família mostrado acima. O conde D. Paulo termina o romance completamente louco e sem nenhuma perspectiva de retorno para a lucidez.

Voltemo-nos agora para Madalena, governanta da casa do conde D. Paulo e mãe de Júlio. A personagem é enganada por Paulo, que a deixa grávida e na miséria. Madalena é uma mulher forte e batalhadora, na mocidade ajudava na casa trabalhando fora, visto que o avô, militar aposentado, ganhava pouquíssimo e não detinha renda suficiente para sustentar os dois personagens. Além disso, por ter uma idade avançada, também é um senhor doente, haja vista que, nesse período, a ciência médica ainda não era tão próspera e a população no geral não portava altos índices de longevidade. Da mesma forma que o conde, Madalena pode ser caracterizada como uma personagem de costumes e plana, de acordo com os direcionamentos de Candido (2018).

A partir disso, podemos destacar os seguintes aspectos: a mocidade dura da personagem e o pesado segredo familiar coagido pelo antigo amor. No trecho a seguir, temos a primeira afirmação

direta na fala da personagem sobre a maternidade e paternidade de Júlio, conseqüentemente, a confirmação para os leitores do parentesco dos personagens centrais:

- Paulo - lhe disse com uma firmeza que fez estremecer o conde - soou a hora da reparação; nada quero para mim, tudo para Júlio. Se quer evitar uma desgraça, não vacile em revelar a nosso filho a origem do seu nascimento (ESCRICH, [18--], p. 27).

Em relação à mocidade, Madalena vivia pelo avô e, com a chegada de um rapaz galante e encantador, nasceu e descobriu os primeiros enlaces do amor. O tal rapaz, que se denominou Júlio de Alcaniz, era na verdade o conde S. Mauro ou D. Paulo.

Durante estas inocentes entrevistas, Madalena, que nunca tinha sentido em seu peito as doces inquietações do amor, começou a pensar muito no seu jovem protetor (ESCRICH, [18--], p. 30).

Quando o cadáver do brioso militar baixou à campa, Madalena ficou só no mundo, sem outro protetor senão Júlio, isto é, o inimigo da sua honra e da sua felicidade (ESCRICH, [18--], p. 32).

Como resultado do envolvimento, Madalena sofreu os 17 anos de segredo que lhe foram impostos, por medo da revolta de D. Paulo. Quando ela se estabelece na casa do conde como governanta, passa a cuidar e amar Júlio da mesma forma, como se ele soubesse que ela era sua verdadeira mãe. Além de ser obrigada a nunca revelar a verdade, sofreu a separação do filho, aos 4 anos de idade. Até o reencontro, aos 7 anos, a governanta viveu longe do menino. De qualquer forma, a personagem amargurou desde o começo da narrativa, não conseguindo nenhum momento de paz e muito menos o entendimento e o perdão de Júlio. E terminou, como já abordado, sofrendo um ataque cerebral ao saber do suicídio do filho na prisão. Por isso, por não possuir mudanças e manter-se fiel ao segredo durante a narrativa, consideramos Madalena como uma personagem plana.

Era a primeira vez, no decurso de vinte anos, que aquela pobre mãe tinha ousado manifestar, de um modo tão visível, o afeto, o imenso amor, que sentia por Júlio (ESCRICH, [18--], p. 80).

A governanta ia todas as manhãs visitar Júlio. Aquela pobre mãe, a quem impunham um doloroso silêncio, precisava ver o filho das suas entranhas. Só prestando-lhe algum conforto, sendo-lhe útil, se julgava menos culpada (ESCRICH, [18--], p. 88).

No momento da revelação sobre os verdadeiros pais de Júlio todo o desenrolar do duelo de morte entre os irmãos já tinha se acometido, e o desespero toma conta da personagem, e como resultado ocorreu a revelação:

- Logo, o homem que tu mataste - perguntou Madalena com horror - é ? ...

- O visconde de S. Mauro.

Madalena soltou um grito lacerante, estendeu os braços buscando um apoio e caiu redondamente no chão, dizendo:

- Que fizeste, desgraçado? Rafael era teu irmão! ...

- Meu irmão!

- Sim, sim desgraçado! Era esse o segredo do conde... Não posso, meu Deus, não posso!

Madalena perdeu os sentidos (ESCRICH, [18--], p. 125).

Um aspecto nesse trecho acima é o desmaio de Madalena, ao qual podemos associar o desgaste emocional da mulher que tanto escondeu o passado do próprio filho, e por ocasião disso, ocasionou a morte dos irmãos. Esse desmaio é diferente da reação da outra personagem feminina, Luiza, da qual trataremos mais adiante.

Nos trechos seguintes, podemos ver a súplica de uma mãe perante o filho e o motivo de guardar por tantos anos um segredo que mudaria o destino de todos os personagens:

- Júlio!... Júlio da minha alma!... - exclamou aquela infeliz mãe, caindo de joelhos aos pés do filho. - Eu sou tua mãe; perdoa-me todo mal que o meu silêncio te causou; perdoa-me; se não queres a dor me despedace o coração. (...)

- Porventura se envergonhava a senhora de ser minha mãe.

- Ah! Como é possível que uma mãe se envergonhe do filho que trouxe nas entranhas?
- Então por que guardou por tanto tempo o que eu lhe pedi cem vezes que me revelasse, com as lágrimas nos olhos e voz suplicante? Como pode explicar-se esse silêncio que é criminoso aos olhos de Deus e aos dos homens?
- Porque o conde mo tinha proibido. Eu obedecia-lhe, receiando que ele te tirasse a proteção, proteção, porque o meu único cuidado era ver-te rico e feliz (ESCRICH, [18--], p. 137-138).

Como podemos ver, Madalena teve medo do conde, de perder o filho para sempre e, principalmente, medo da verdade. Ao transportarmos essa questão para o século XXI, podemos entender como o poder do patriarcado ainda encontra-se enraizado na sociedade, uma vez que o principal fator de Madalena não é a mentira, mas o medo da revolta de um homem. E é esse medo que ainda encontramos em diversas mulheres de qualquer estirpe social. Por fim, a personagem finaliza a história de maneira infeliz e sem perdão:

Sua infeliz mãe, que ia visitá-lo todos os dias, ao receber a desastrosa notícia perdeu os sentidos e todos os esforços foram insuficientes para a salvar, deixou de existir daí a poucas horas, vítima de um ataque cerebral (ESCRICH, [18--], p. 156).

Enquanto os personagens já citados tiveram finais infelizes, com Rafael não foi diferente. O herdeiro legítimo possuía o mesmo caráter ou falta desse herdado do pai. O personagem detinha raiva, inveja, ciúmes ou qualquer outro sentimento ruim que podemos mencionar para com Júlio. O filho mimado também não teve mudanças significativas ao longo da trama, pelo contrário, os sentimentos de raiva e inveja só afloraram ainda mais. Um dos objetivos do rapaz era ver Júlio na miséria em algum lugar subjugado, rebaixado, e o herdeiro sempre em um patamar superior ao irmão de criação.

Rafael era mais novo que o irmão Júlio, 20 e 24 anos de idade respectivamente. O primeiro já estava prometido a se casar com

Luiza, um acordo entre os pais. Além do mais, grande interesse possuía o rapaz pelo casamento com a donzela, visto que, o dote era um dos maiores da Espanha. O fato é que não sentia amor pela futura esposa, mas ambição pelo dinheiro que viria junto ao matrimônio.

- Luiza é uma moça encantadora, que levará em dote trezentos contos ao homem que tiver a ventura de a levar ao pé do altar; e trezentos mil cruzeiros, dezenove anos, um rosto de anjo, e um nome ilustre, são coisas bastante tentadoras para um homem nas minhas condições (ESCRICH, [18--], p. 9).

O incômodo de serem de classes diferentes, principalmente por Júlio ser órfão e criado com todos os zelos da época, aborreciam Rafael. Até que o visconde, não aguentando estar no mesmo ambiente que o irmão, exige do conde a expulsão do rapaz:

(...) Demais esse homem incomoda-me por toda a parte que o encontro, atreve-se a tratar-me por tu, e, o que é pior, ousa fazer a corte à minha prometida. Isto não há de ter um desenlace fatal, porque desde já o prevenir que me incomoda extraordinariamente. E' portanto necessário que o despeça desta casa, espero que fará a minha vontade (ESCRICH, [18--], p. 24).

Rafael dominava o pai e acabava por conseguir tudo o que desejava. Da mesma forma, acreditava conquistar Luiza, porém, ela tinha opiniões próprias e odiava Rafael. O rapaz que possuía boas relações com o pai da moça, tinha-o como aliado e ambos tinham interesses em comum com a união dos jovens.

Para Rafael casar com Luiza era uma questão de amor próprio. Odiava Júlio, porque compreendia a superioridade de seus dotes pessoais e intelectuais, e sentia uma grande necessidade de o humilhar, de o afugentar da Espanha. Não queria tornar a ouvir falar dele (ESCRICH, [18--], p. 70).

Em outro momento, a "questão do amor próprio" também é levantada, juntamente com o sacrifício da independência do rapaz, e



a raiva ou nojo por Luiza ter demonstrado personalidade. Para o visconde tudo mudaria quando casassem, ou seja, na sua visão, a mulher passaria a ser somente sua, devendo parar as atividades de solteira e obedecer às ordens do marido.

O visconde de S. Mauro aborrecia-se extremamente, jogando xadrez com o seu futuro sogro. Para Rafael era uma questão de amor próprio conseguir a mão de Luiza, e nas ancias dos seus desejos sacrificaria até a sua independência. "Quando essa desdenhosa- dizia ele consigo - me pertencer, então as coisas hão-de mudar de figura. Tenhamos paciência; entretenhamos o velho até obter a mão da filha. Isto não há-de durar muito. É preciso fazer sacrifício, evitar a todo o transe que Júlio ganhe terreno no coração de Luiza. Tudo corre bem; confio que muito em breve me terá desaparecido de diante da vista tão infadonho sujeito (ESCRICH, [18--], p. 106).

Assim, por consequência desse amor próprio e a existência do irmão, Rafael propõe um duelo de morte que é aceito por Júlio. É importante ressaltar que esses duelos já eram proibidos por lei, mas os homens de 'honra' ainda praticavam as atividades escondidas das autoridades. Nesses duelos eram escolhidos padrinhos, que se reuniam e decidiam as armas e como aconteceria o duelo. Junto a esses detalhes, o embate ocorre no dia seguinte com a morte de Rafael. Vejamos a cena:

E deu a primeira palmada.

Os dois adversários colocaram-se em linha, com o braço estendido e pistola apontada ao alvo.

Soaram outras duas palmadas e duas detonações ao mesmo tempo. Júlio estava de pé; Rafael tinha dado um pulo como se a terra o repelisse com força; levava a mão ao peito e caíra de costas.

Todos correram a examiná-lo.

O médico foi o primeiro a chegar ajoelhou-se e disse:

- Tudo está acabado, meus senhores; a bala varou-lhe o coração; é um cadáver (ESCRICH, [18--], p. 118).

Somado a isso, chegamos a Júlio, o filho ilegítimo do conde D. Paulo e Madalena. O personagem é retratado como um homem

inteligente, culto, educado e muito amável para com a sociedade no geral. Ou seja, alguém impossível de não ser amigo ou se deixar passar onde quer que esteja. Apesar de toda educação e amor é perceptível que o jovem nunca se deu por satisfeito dos pais o terem abandonado. Por consequência, cresce com o intuito de algum dia descobrir a verdade de sua origem. E esse estopim acontece por intermédio de Rafael, que o atormenta demasiadamente por ser órfão. Júlio aparenta ser um homem forte, porém acaba por tornar-se fraco, já que é guiado pelas ideias do homem que nutre sentimentos de ódio por ele. Assim, decide sair da Espanha e partir para América em busca de informações ou respostas. O único obstáculo da partida do personagem é Luiza, uma vez que o rapaz a desejava como esposa e guardava um mínimo de esperança com a demora da tentativa de união da amada com o irmão.

O amor de Júlio por Luiza pode ser considerado, até certa medida, doentio, se levarmos em conta apenas o primeiro capítulo da obra. Por outro lado, a afirmação de que ela é unicamente dele não se repete na narrativa, o que temos é a confirmação constante de seu amor e o não interesse pelo fato dela ser rica. “(...) mas o desespero leva o homem ao crime, - não o esqueças. Luiza será minha ou de ninguém” (ESCRICH, [18--], p. 11).

Em contrapartida, Luiza acaba casando-se com um terceiro homem que não é mencionado na obra. Se levarmos em conta que, na afirmação, o "ninguém" refere-se somente aos irmãos, Júlio estava certo, a personagem não se casou com nenhum dos dois rapazes. Além disso, Júlio também é descrito como um rapaz melodramático. Em suas falas recorre à dor ou ao drama de sua história. Assim, tanto o conde quanto o visconde repetem que "o aspecto melodramático" do personagem é terrivelmente incômodo. Vejamos então nas falas dos familiares:

- Meu Júlio, acho-te, excessivamente melodramático; e se eu soubesse que me convidava para beber um copo de cerveja, com o único fim de me contar uma história lacrimosa, não aceitaria o oferecimento (ESCRICH, [18--], p. 8).

- Fala à vontade; agora precisamente não tenho nada que fazer, bem vês; estava lendo, mas senta-te e deixa essa

intonação e esse aspecto melodramático (ESCRICH, [18--], p. 14).

É interessante destacar a relação com Madalena, pois o rapaz a trata como uma mãe, mesmo ela realmente sendo sua mãe verdadeira. O trato amável de ambos é sentido nas suas falas e nos gestos narrados. Júlio queria uma mãe, mas queria a verdadeira, mesmo afirmando que cuidaria de Madalena "para sempre" e a trataria como mãe, porém seria apenas um gesto de bondade e não de amor filial. De qualquer forma, o rapaz não se contentaria em não saber a verdade e não aceitaria Madalena como sua mãe.

- Ah! Se não temesse que me apontasse de egoísta desde já lhe pedia que não saísse mais desta casa. (...) E Madalena sorriu-se. - Eu direi a toda a gente que a senhora é minha mãe - tornou Júlio, causando com aquelas palavras uma grande alegria a Madalena (ESCRICH, [18--], p. 89).

Dando continuidade aos aspectos levantados do personagem, ao descobrir a verdade o rapaz não perdoa a mãe e muito menos a aceita em sua vida. O ódio, a raiva, o desgosto e a completa decepção já haviam consumido todo o coração de Júlio.

- Dei a minha palavra de não me evadir e hei de cumpri-la. Se até hoje não quiseram reconhecer-me como filho, também eu de hoje até o dia da minha morte, não quero reconhecê-los como pais. Entre nós tudo acabou, nenhum laço nos une. Já que tão desventurado me fez, trato de me livrar da sua presença (ESCRICH, [18--], p. 139).

Após a descoberta de quem eram seus verdadeiros pais, Júlio segue para a casa do conde e lá profere palavras de vingança, do julgamento divino e, principalmente, que a culpa de toda essa tragédia foi ocasionada pelos pais. Se a verdade tivesse sido revelada, Júlio jamais teria cometido fratricídio, de acordo com a narrativa. Leiamos as duas falas do personagem que demonstram os sentimentos aflorados, o desespero e a culpa dos pais:

- E' impossível?!... - repetiu Júlio com voz ameaçadora - Basta de fingimentos, sr. conde; basta de hipocrisia; soou a hora de cair a máscara, de se descobrir toda a verdade. Eu sou um fratricida ... mas o meu crime há de recair todo sobre quem tem a culpa da minha horrível posição... Rafael morreu nas minhas mãos, e era meu irmão... eu hei de morrer nas mãos do carrasco, e o conde de S. Mauro morrerá devorado pelos remorsos: Deus é justo (ESCRICH, [18--], p. 132).

- Não é a primeira vez que as culpas dos pais caem sobre os filhos, causando-lhes a desgraça. Oh! O meu processo há de ser curioso, divertido, o público há de lê-lo com avidez. Meu pai podia ter-me poupado, sendo franco para comigo, os sofrimentos numa cadeia e a vergonha dum patíbulo; porém... (ESCRICH, [18--], p. 133).

Depois de toda a conversação, Júlio se entrega às autoridades e, na cadeia, comete suicídio. Porém, antes de se matar, deixa uma carta de despedida à Luiza, na qual declara novamente todo o seu amor e pede perdão pelos pecados cometidos em vida. Vejamos um trecho da despedida na carta:

Luiza:

Quando a fatalidade leva o homem a perpetrar o fratricídio, a vida é um fardo insuportável; eu vou, portanto, acabar com a minha.

O meu último pensamento será pra si, Luiza! Para si, a quem tanto amei e a quem tanto amo!

Não quero viver, porque depois do crime que perpetrei, é completamente impossível que possa ser minha. (...)

Se é certo que por detrás desse azul do firmamento há outro mundo celestial onde se reúnem as almas, quem sabe se lá tornarão a encontrar-se as nossas! Adeus para sempre. Não. Adeus até à eternidade! ...

Júlio (ESCRICH, [18--], p. 148).

Do outro lado temos a família de Luiza e o pai, Diogo de Alcântara. A primeira é uma personagem um tanto diferente das mulheres representadas nas obras do século XIX. Apesar de ter um casamento arranjado, possui opiniões, sentimentos e sobretudo escolhas próprias. No trecho destacado abaixo, observemos o julgamento da jovem quanto ao casamento:

- Não compreendo a sua tenacidade, meu pai. Poderei eu ser mais feliz, depois de casar com o visconde, do que o sou agora? Impossível! Que é o que me falta? Nada. Tenho um pai como não há outro; há vinte anos que trabalha incessantemente para me ajuntar um dote, para me rodear de venturas e de comodidades, estima-me como nenhum outro homem pode estimar-me e satisfaz todos os meus caprichos. Para que obrigar-me, pois, a mudar de estado, quando eu me reputo completamente feliz? Acabo de fazer dezenove anos. Além disso, eu não quero separar-me de si (ESCRICH, [18--], p. 48).

É interessante destacar que a personagem, em outro diálogo com o pai, demonstra que não será feliz casando-se em nenhum momento, e que muito menos seu futuro pretendente a marido irá fazê-la feliz. E finaliza afirmando que é culpa dos homens/maridos pela falta de atenção e infelicidade após o casamento mostrando o exemplo de uma amiga:

- Luiza; não te cases. Sou a mulher mais infeliz do mundo, meu marido é um monstro, um egoísta, um tirano, todo o amor que me jurava era uma comédia infame. (...)  
- Exigente, Emília! Jesus! Não diga isso papá. Se é um anjo! Se no colégio era sempre nosso enxuga lágrimas. Apostava desde já, sem receio de perder, em como toda a culpa é do marido. Verdade é que são eles sempre quem a têm (ESCRICH, [18--], p. 50).

Outro aspecto levantado é a opinião da jovem quanto ao caráter dos dois pretendentes Rafael e Júlio. Sendo o primeiro destacado como orgulhoso e o segundo como infeliz e detentor da compaixão da moça.

- Vou ser muito franca consigo. Um dos primeiros defeitos de Rafael é o orgulho (...) (ESCRICH, [18--], p. 50).  
- E' que ignoras talvez que Júlio é orgulhoso.  
- Tem o orgulho da desgraça, da dignidade.  
- Creio que não vai repreender-me por ter bom coração. Júlio é infeliz e eu tenho dó dele (ESCRICH, [18--], p. 52).

De um outro ângulo, Luiza não pode ser considerada uma personagem plana ou esférica. À vista disso, Candido (2018) no texto sobre a personagem do romance busca esclarecer essa divisão retomando a ideia de Forster e afirma:

Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão a esférica. Ela traz em si a impossibilidade da vida, - traz a vida dentro das páginas de um livro (FORSTER, 1949 apud Candido 2018, p. 63).

Logo, a mocinha pode ser considerada como uma personagem plana com pretensão à esférica, já que surpreende o leitor ao expor e ter opiniões próprias, e não se mostrar tão fraca quanto as demais personagens do século XIX. Por fim, um ponto diferente entre as personagens femininas da narrativa é a reação à descoberta do suicídio de Júlio, Luiza não desmaiou ou reagiu com algum outro ataque de espanto como ocorreu com Madalena.

-Suicidou-se!  
-Exatamente! (...)  
Luiza deixou-se cair numa cadeira, cobriu o rosto com as mãos, e chorou amargamente. (...)  
- Eu amava Júlio, meu pai! - respondeu Luiza (ESCRICH, [18--], p. 154).

Por isso, no final da obra, a última notícia que recebemos é justamente de Luiza e o pai. Os dois, principalmente Luiza, tiveram finais felizes, a moça deixou a tragédia no passado e acabou se casando. Se amava o marido ou foi obrigada ao matrimônio, não saberemos. Como leitores, estimamos que a viagem tenha trazido novos ares para a personagem e que terminou da seguinte maneira:

E de fato, Diogo, vendo Luiza profundamente impressionada com a morte de Júlio, empregou, para a distrair, o recurso dos ricos: viajar pelo estrangeiro.  
Cremos que o remédio lhe foi proveitoso, pois que um ano depois casou Luiza com um dos mancebos mais nobres e mais elegantes de Madrid (ESCRICH, [18--], p. 157).

Para completarmos a lista de personagens, temos Diogo de Alcântara, pai de Luiza. O personagem não é tão bem descrito ou trabalhado na obra. O que realmente temos é o amor de um pai para com a filha e o objetivo principal é vê-la feliz. Diogo de Alcântara não aceita a compaixão (amor) da filha para com Júlio e acaba por tentar convencê-lo a ir embora, até mesmo oferecendo dinheiro e um emprego nos negócios que dispunha na América.

- A América é um grande país para os mancebos que desejam criar uma fortuna e são dedicados ao trabalho. Eu tenho por lá bastantes negócios, e quando me disseram que o senhor estava resolvido a empreender a viagem, disse comigo: “Júlio é um rapaz honrado, ativo e inteligente, e há de fazer fortuna no ultramar; se ele quisesse encarregar-se dos negócios da minha casa naquelas terras, poderia lucrar e eu também” (ESCRICH, [18--], p. 58).

Por último, o personagem quase não aparece na obra, mas possui diálogos marcantes com a filha sobre o casamento e acerca dos possíveis pretendentes. Seu retorno na história ocorre apenas no último capítulo, no qual visitará Júlio a mando da filha em busca de informações, contudo acaba descobrindo o suicídio do rapaz. E no término da obra reafirma que Luiza jamais se casaria com Júlio e procura entreter a filha com uma viagem para curar a dor da perda.

A partir da apresentação e exposição dos personagens, passemos agora para algumas especificidades da obra como: narrador, tempo, espaço e ambiente. Aspectos levantados por diversos autores como fatores para uma análise de narrativa. Assim, quanto ao narrador, levaremos em conta a ideia de Norman Friedman acerca dos tipos de narradores. A autora Ligia Chiappini Moraes Leite (1985), em sua obra *Foco Narrativo ou A Polêmica em torno da ilusão*, nos traz à luz a tradução da ideia de Friedman, além de exemplificar como ocorre nas obras brasileiras.

Dessa forma, o narrador de *A Culpa dos Pais* [18--] pode ser definido como autor onisciente intruso, visto que esse tipo de narrador aparece dando opiniões acerca dos personagens. Além do mais, ocorrem digressões dentro da narrativa. É dessa maneira que

observamos, na obra espanhola, momentos de opiniões sobre os personagens; o tempo da demora de se contar a verdade; diversas vezes que o narrador interage com os leitores e um capítulo de digressão do mesmo com um amigo formando um diálogo de intromissão no romance de Escrich.

Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada (LEITE, 1985, p. 27).

Ademais, nesse tipo de narrativa temos a ideia de movimentação do narrador e podemos afirmar que o nosso relator aparece tanto de fora quanto de frente, alternando suas posições, sempre de acordo com os acontecimentos da tragédia, como afirma Leite (1985).

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade (...). Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições (LEITE, 1985, p. 27).

Somado a isso, nos demais capítulos o narrador apresenta-se como se estivesse de frente e de fora da narrativa, como apontado acima. Observemos agora um trecho de cada um respectivamente:

De pé, junto ao piano, estava Júlio vestido de preto, e um pouco mais pálido que de costume. O salão não tinha mais luz que as duas velas do piano, com um grande e luxuoso globo, cujo enorme quebra luz concentrava toda a claridade sobre o taboleiro do xadrez (ESCRICH, [18--], p. 38).

Luiza acabava de dar um grande passo, o mais difícil, o mais delicado, pois que tinha revelado o nascente amor que sentia por Júlio. Se o pobre órfão a tivesse ouvido fazer a sua defesa, ter-se-ia julgado menos desgraçado do que na realidade o era (ESCRICH, [18--], p. 53).



Por isso, destacamos alguns momentos desse autor onisciente intruso, vejamos: no primeiro capítulo o narrador destaca as características do conde D. Paulo dentro de sua perspectiva. A partir da finalização desse episódio, o narrador apresenta, mais adiante, uma digressão contando os detalhes da história vulgar, como é intitulado a passagem seguinte, do conde e Madalena e finaliza interagindo com os leitores: “Dados esses precedentes, prossigamos na nossa narração” (ESCRICH, [18--], p. 37).

O aspecto de maior relevância da narrativa é o comportamento do narrador, principalmente no acréscimo de opiniões acerca dos personagens. Em virtude disso, no decorrer do capítulo 8, há essa conduta quanto à amizade entre Diogo de Alcântara e Rafael.

O amor próprio daqueles dois homens sentia-se amesquinhado e ambos interessados no mesmo assunto, se uniam para serem mais fortes. Diogo e Rafael, precisavam vencer um inimigo que se erguia ante eles sem outras armas que as da compaixão, armas realmente terríveis para conquistar o coração de uma mulher (ESCRICH, [18--], p. 70).

O respectivo narrador, no decorrer dos capítulos, adequa sua exposição contra a mentira e a perspectiva de que, se os pais de Júlio, D. Paulo e Madalena tivessem revelado a verdade, nenhuma tragédia, talvez, tivesse ocorrido: “E todavia uma revelação a tempo, teria talvez evitado a terrível desgraça que ameaçava Júlio, e que ia envolver todos” (ESCRICH, [18--], p. 80).

No decorrer do parágrafo do trecho acima, temos mais duas páginas destinadas ao pensamento intruso, de como um erro do passado viria a definir o futuro e, principalmente, o destino dos personagens centrais. Além do mais, ocorre a colocação de três linhas pontuadas que nos indicam a continuação do pensamento ou a reflexão do narrador. Porém, ao mesmo tempo, temos a interrupção dessa digressão e a continuidade dos personagens dentro da cena.

A mocidade com o seu estouvamento, riu-se de tudo. As gargalhadas de uma orgia, as loucuras de um baile de máscaras, proporcionam céus de lágrimas que vão desfazer-se nos pios umbriais dos hospícios dos expostos (ESCRICH, [18--], p. 81).

Para finalizarmos os destaques sobre o narrador de *A Culpa dos Pais* [18--], indicaremos mais dois pontos. O primeiro consta no capítulo 11, que é o maior da obra e nos traz a presença física do narrador com um amigo denominado Ricardo em uma estalagem onde pararam para descansar e almoçar. Assim, nós temos o seguinte trecho destacado:

E já que falamos de vendas, não podemos resistir à tentação de contar o que aconteceu a Ricardo de S. Miguel e ao que escreve estas linhas; que, embora o caso pareça inverossímil, encerra em si um traço muito característico dos nossos estalajadeiros do século atual, muito parecidos, como já disse, com os que existiam no tempo de Cervantes (ESCRICH, [18--], p. 94).

Já no nosso segundo ponto e último, a intromissão do narrador reaparece quando Júlio já cometeu o fratricídio e encontra-se preso. Sendo assim, temos duas frases curtas, porém significativas, pois nelas encontramos a relação narrador e leitor e a certeza da presença do autor onisciente intruso proposto por Friedman: "Agora entremos nós na cela número 27. (...) Entretanto, nós leremos por cima dos ombros dele o que diz o jornal" (ESCRICH, [18--], p. 145 - 146).

Em relação ao tempo, espaço e ambiente não ocorrem tantas mudanças. O tempo da narrativa corresponde ao tempo presente em que a obra foi publicada, no último quartel do Oitocentos. Ou seja, o romance apresenta um tempo cronológico de acordo com os acontecimentos dos fatos. As demarcações específicas ocorrem das seguintes formas: informações sobre dia, noite e horários, como por exemplo: "Seriam dez horas da noite" (ESCRICH, [18--], p. 38); "A meia noite Rafael despediu-se de Diogo e de Luiza" (ESCRICH, [18--], p. 47); "Dois dias depois recebeu Júlio uma carta (...)"

(ESCRICH, [18--], p. 54). Quanto ao passado e projeções do futuro sucedessem por meio da perspectiva do narrador, logo, o capítulo "Uma História Vulgar" é o retorno no tempo explicando o passado dos personagens. Já o futuro é destacado tanto na fala dos personagens, quanto na visão do narrador, a exemplo da fala de Júlio: "Mas o desespero leva o homem ao crime - não o esqueças. Luiza será minha ou de ninguém" (ESCRICH, [18--], p. 11). Este trecho dá-nos a dica do futuro dos personagens dentro da obra; e por fim, o narrador se dirigindo ao leitor, no final da narrativa, demarcando o futuro de Luiza: "Cremos que o remédio lhe foi proveitoso, pois que um ano depois casou Luiza (...)" (ESCRICH, [18--], p. 157). Em relação ao espaço não temos uma localidade específica, todavia, sabemos que o drama ocorre na Espanha do século XIX e é ambientado por personagens da alta burguesia espanhola com julgamentos morais e psicológicos.

Analisada a obra *A Culpa dos Pais* [18--] de Enrique Pérez Escrich (1829-1897), compreendemos que, por sua narrativa moralista e a favor da verdade, trouxe aos leitores da segunda metade do século XIX uma reflexão quanto aos preceitos morais da sociedade da época. Assim, destacou-se tanto quanto as demais obras do escritor espanhol, já que esta versão adentrou o século XX.

Ao buscar dados, analisar obras e construir um levantamento de informações baseados em catálogos de períodos determinados focando em um escritor específico, passamos a compreender a dinâmica da leitura e dos leitores do século XIX. Essa compreensão da dinâmica ajuda-nos na busca de maiores notícias acerca da história do livro e da leitura desse importante período da história. Enrique Pérez Escrich (1829-1897) é um dos inúmeros escritores esquecidos que trabalharam e sobreviveram com a venda de suas obras. Nesse sentido, pode-se afirmar que a profissionalização do escritor já se encontrava, durante o último quartel do oitocentos, fixa no mercado livreiro.

BARROS, C. N. R. Dos Catálogos à Circulação: Uma Análise do Romance *A Culpa dos Pais* de Enrique Pérez Escrich. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 210-237, 2020.

## FROM CATALOGS TO CIRCULATION: AN ANALYSIS OF THE NOVEL *THE GUILT OF THE PARENTES* BY ENRIQUE PÉREZ ESCRICH

**ABSTRACT:** This article aims to highlight the spanish writer Enrique Pérez Escrich (1829-1897), being observed that his novels, and consequently his history, were ignored during the last few years. Thus, the literary rescue took place by means of catalogs of booksellers renovated in lusitano soil, specifically, from the years 1884, 1887 and 1900. After the cataloging of the works, it was analyzed one of the novels present on the schedule, searching aspects of the narrative of the eight hundred.

**KEYWORDS:** Enrique-Pérez; catalogs; booksellers; XIX century; novel.

### Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- Catálogo da Casa Editora David Corazzi, 1884.
- Catálogo da Casa Editora David Corazzi, 1887.
- Catálogo da Livraria Chardron Lello & Irmão, 1900.
- ESCRICH, Enrique Pérez. *A Culpa dos Pais*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S.A., [18--].
- FILHO, José Humberto Carneiro Pinheiro. *Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Ceará: Fortaleza, 2014.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo (ou A Polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora ática, 1985.
- LOBATO, Monteiro. O Comprador de Fazendas. In: *Urupês e outros contos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019, p. 94.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1996.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019, p. 144.